



artesanato
da **BAHIA**

CADERNOS TEMÁTICOS DO ARTESANATO BAIANO

VOLUME 2
2024

FICHA TÉCNICA | GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA - SETRE

Jerônimo Rodrigues - Governador

Augusto Vasconcelos - Secretário

Juremar de Oliveira - Chefia de Gabinete

Weslen Moreira - Coordenador Executivo de Fomento ao Artesanato

Alice Barreto - Coordenação da Comissão de Monitoramento e Avaliação

FICHA TÉCNICA | FÁBRICA CULTURAL

Joel Miguez - Presidente

Jaqueline Azevedo - Diretora Executiva

Matheus Albergaria- Diretor do Contrato de Gestão Artesanato da Bahia

Denise Silva - Gerente de Contratos Artesanato da Bahia

Kleber de Azevedo - Gerente de Fomento Artesanato da Bahia

Natali dos Santos - Coordenadora de Qualificação Artesanato da Bahia

Larissa Khouri - Coordenadora de Comunicação Artesanato da Bahia

ENTREVISTAS COM ARTESÃOS | ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO

Rodrigo Maurício Freire Soares

DIAGRAMAÇÃO

Maíra Vilas Boas

FOTOGRAFIAS

As fotografias da página 16 foram cedidas pelo artesão Marcio de Moura;

Ricardo Prado; Diogo Andrade; Agência Dudes.

PREFÁCIO

Este segundo volume dos Cadernos Temáticos do Artesanato Baiano emerge como um mosaico da diversidade cultural e artística da Bahia. Longe de ser apenas um catálogo de peças, este documento se configura como um portal para as vidas, histórias e saberes de artesãs e artesãos que dedicam suas jornadas à preservação das tradições locais. Cada página convida o leitor a mergulhar em narrativas nas quais o ato de criar transcende a produção, revelando-se como um tecido entrelaçado de identidade, memória e resistência.

A abrangência geográfica deste volume contempla diferentes territórios de identidade, passando pelo Território Metropolitano de Salvador, Recôncavo Baiano, Litoral Norte e Agreste Baiano, Velho Chico, Baixo Sul, Portal do Sertão e Chapada Diamantina. Cada território imprime sua marca única nas técnicas, nos materiais e nas formas de expressão. As rotas do couro, do boi bilha, das sempre vivas, da cerâmica, dentre outras, guiam o leitor por um percurso de cores, texturas e significados, revelando a riqueza do artesanato como patrimônio imaterial baiano.

A estrutura do caderno reflete a preocupação em contextualizar cada uma das histórias coletadas. Cada perfil de uma artesã ou artesão é construído a partir de suas vivências, explorando os processos criativos, as técnicas e a ancestralidade. Ao longo dos textos, temas como a transmissão de saberes entre gerações, a importância do artesanato para a economia local, o papel das associações e coletivos e a conexão com o meio ambiente se entrelaçam. As narrativas revelam o poder transformador do artesanato, seja como fonte de renda, como ferramenta de inclusão social ou como meio de expressão cultural.

A historiografia, como método de pesquisa utilizado, visa evidenciar interpretações possíveis de um dado processo histórico-social, neste caso o artesanato tradicional produzido pelas mestras e mestres artesãos. Como consequência deste percurso, foi possível dar a voz às pessoas, estabelecendo uma relação mais viva com o passado de cada um(a). Foram utilizadas entrevistas do tipo semiestruturadas para estimular o entrevistado a contar as suas vivências.

Após estas entrevistas realizadas com os mestres e mestras do artesanato baiano, os conteúdos foram trabalhados em textos sobre a vida de cada artesã/artesão. Assim como no primeiro volume dos Cadernos Temáticos, as entrevistas foram concedidas por livre e espontânea vontade, sendo esta uma premissa que está alinhada aos preceitos éticos que regem a relação entre o pesquisador e o(a) entrevistado(a).

Este caderno é um convite para conhecer e valorizar o trabalho de cada um desses mestres e mestras, que, com suas mãos e corações preservam e renovam o artesanato como ofício. Que este documento, para além do seu papel de registro de memórias, nos inspire frente aos desafios contemporâneos.



SUMÁRIO

- 5** **LUIS ALBERTO AMADO SANCHES**
Amor às peças e o exercício do desapego: as peças são do mundo
- 7** **DINOÉLIA SANTOS TRINDADE**
Transformação social, empoderamento e desenvolvimento local
- 9** **CARLOS HENRIQUE ANDRADE DOS SANTOS**
Artesanato como ferramenta de inclusão social para crianças autistas
- 11** **MARIA DOS ANJOS SOUZA**
O artesanato como fio condutor da vida
- 13** **JOSÉ ROQUE AZEVEDO ASSUNÇÃO**
Mãos que criam, natureza que sustenta: o artesanato em piaçava de Zé Roque
- 15** **MARCIO DE MOURA NOGUEIRA**
Pesquisa, arqueologia e história da cerâmica como elementos do processo criativo
- 17** **JOSÉ GERALDO MACHADO DA SILVA**
A inspiração divina de Mestre Gerard: a arte que brotou de um sonho
- 19** **JIOVALDO CHAVES DE ARAÚJO**
Estéticas do barro: a busca de Mestre Jotacê por formas e significados
- 21** **GISELIA ENOI DE SOUZA**
Pinceladas delicadas desenhando uma vida de superação
- 23** **MARIA DA CONCEIÇÃO NOGUEIRA BONFIM**
Tradição e Resiliência na Arte da Renda de Bilro
- 25** **MARIA DA HORA SILVA**
Longevidade que se torna possível através da arte





“A gente não consegue reproduzir outra peça igual, não é? Aí o que a gente faz é justamente desapegar, meu amigo. É quando está fazendo, já está iniciando o processo de despedida da peça. É saber que a peça não é para mim, não é para o meu ego, é para toda a gente”.



Mestre Amado
Esculturas e Máscaras

Município
Salvador

Território
Metropolitano de Salvador

Rota do Artesanato
Rota Baía de Todos os Santos

LUIS ALBERTO AMADO SANCHES

AMOR ÀS PEÇAS E O EXERCÍCIO DO DESAPEGO: AS PEÇAS SÃO DO MUNDO

Luis Alberto Amado Sanches, conhecido como Mestre Amado, é um artesão cujo trabalho transcende o mero fazer manual, conectando sua arte à ancestralidade e à cultura afro-brasileira. Através da cerâmica, ele esculpe não apenas peças esteticamente belas, mas histórias, memórias e um legado que se estende para além do barro. Sua relação com a arte da cerâmica se inicia na infância, em São Braz, um povoado de Santo Amaro da Purificação no Recôncavo Baiano. Criado em meio à efervescência das feiras locais, Mestre Amado se encantou com o universo dos oleiros. "Foi o meu primeiro contato com esse universo, o universo de feira", relembra ele, com a voz carregada de nostalgia.

Na década de 1970, durante sua formação em direção teatral, redescobriu sua conexão com a argila ao aprender a confeccionar máscaras teatrais. Foi nesse momento que percebeu a profundidade de sua ligação com a cerâmica, ao criar máscaras inspiradas em figuras negras, evocando sua ancestralidade e a cultura afro-brasileira. A partir daí, Luis mergulhou no universo da modelagem em argila, buscando retratar as influências de sua herança cultural em suas obras. As máscaras, inicialmente concebidas para o teatro, se tornaram um meio de expressão fundamental para Mestre Amado. Nelas, ele transpõe a rica iconografia afro-brasileira, incorporando elementos como búzios, conchas e contas, que evocam a força e a beleza dos orixás. A rusticidade proposital de suas peças se torna uma marca autoral, uma assinatura que imprime a sua identidade: "Elas são muito rústicas também, né? As feições, são super narizes, narizes chatos, bocas carnudas, tem a papada do rosto. Tudo de uma forma muito bela".

Hoje, Luis se dedica não apenas à criação de peças únicas, que podem ser classificadas como uma cerâmica contemporânea, marcadas por este estilo rústico e autoral. Como professor de cerâmica no Centro Educacional Santo Antônio das Obras Sociais Irmã Dulce, Mestre Amado ensinou crianças, adolescentes e adultos a arte da modelagem do barro, perpetuando a importância dessa tradição. "Eu enquanto artesão me dedico a transmitir o conhecimento técnico da arte do barro, da arte do fogo, de todo o processo da criação. É a Cerâmica", afirma com convicção.

Mestre Amado mencionou a "guarda ori" durante a entrevista, ao descrever um novo tipo de peça que ele estava criando, inspirado nas urnas funerárias dos Orixás. Ele as chama de "jarras guarda", com a função de guardar objetos sagrados relacionados aos Orixás, como contas, anéis e pulseiras. Cada jarra possui elementos que representam o Orixá a quem ela é dedicada. Ele usa o termo "guarda" no sentido de proteger e preservar, referindo-se tanto ao objeto físico (a jarra) quanto ao seu conteúdo simbólico (os objetos sagrados dos Orixás).

Mestre Amado também se referiu ao desapego de cada peça criada "a peça vai para o mundo". Ele explica que, para ele, a criação da peça já é o início da despedida. Ele entende que não conseguirá fazer outra igual, então precisa desapegar a peça. A peça não é para ele, não é para o seu ego. Ele gosta de ver seu trabalho circulando, emocionando as pessoas, as peças pertencem ao mundo.

DINOÉLIA SANTOS TRINDADE

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, EMPODERAMENTO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Dinoélia Trindade, natural de Saubara, representa a quinta geração de uma família tradicional de rendeiras. “Esse foi o maior legado que minha mãe pôde me deixar, e levantar essa bandeira para salvaguardar nosso artesanato não tem preço”, afirma. Reconhecida como Mestra Imortal pela IOV Brasil (Organização Internacional de Folclore e Artes Populares) ligada à UNESCO, ela foi a primeira artesã da região Nordeste a possuir o registro do SICAB (Sistema de Cadastro de Artesãos Brasileiros) para a renda de bilro.

A artesã cita que a mudança de Saubara para Dias D’Ávila marcou um novo capítulo em sua vida. Ao chegar em Dias D’Ávila, ela cita que percebeu a baixa autoestima de algumas pessoas em sua comunidade e a falta de oportunidades, especialmente para os jovens. Inspirada pela sua própria história familiar e vendo a necessidade de oferecer alternativas, ela decidiu compartilhar seu conhecimento e fundou a Associação de Rendeiras de Dias D’Ávila. A associação formalizou-se e já capacitou mais de 300 artesãs. Hoje, o grupo opera em um espaço cedido e reformado pela gestão municipal, oferecendo cursos gratuitos para pessoas de diversos municípios, como Salvador, Camaçari e Lauro de Freitas.

Para Dinoélia, o artesanato vai além da produção de peças. Ele representa um grito de liberdade, resgatando a história dos escravizados que encontraram na renda uma forma de expressão e resistência. A beleza e a força da renda, que antes adornavam reis e rainhas, continuam a encantar e a contar essa história de luta e superação. A artesã vê o artesanato como uma ferramenta de transformação social, como um elemento catalisador do desenvolvimento local.

A história de Dinoélia nos mostra como o artesanato, além de sua beleza e técnica, carrega consigo um profundo significado histórico e social. Através da sua dedicação, ela preserva um legado familiar, fortalece a comunidade e contribui para a construção de um futuro mais justo e sustentável. A mestra nos faz refletir sobre o papel do artesanato na sociedade contemporânea. “Será que estamos dando a devida importância a essa manifestação cultural tão rica? Como podemos contribuir para a valorização e a preservação dos saberes tradicionais?” A artesã chama atenção para a necessidade de que sejam repensadas as políticas públicas para que o artesanato seja reconhecido como um importante motor de desenvolvimento social e econômico, capaz de transformar vidas e comunidades.

Para além da importância cultural, há uma importância social do artesanato, há uma transformação social possível a ser feita por meio do artesanato. Como a própria Noélia afirma: “se eu estou vivendo em um local, estou bem os meus vizinhos, estão vivendo bem. Nós estamos no ganho. O que que adianta você conquistar tantas coisas e não ter condições nem de sair de dentro de casa?” Noélia demonstra que a verdadeira riqueza está em construir um ambiente de bem-estar coletivo, onde a prosperidade individual se traduz em prosperidade para toda a comunidade. O artesanato, nesse contexto, torna-se um fio condutor que conecta pessoas, saberes e sonhos, tecendo uma rede de apoio mútuo e desenvolvimento social.



“A força do artesanato permitiu que ele chegasse até os tempos presentes. A renda encanta e carrega uma história de resiliência.”



Mestra Dinoélia
Renda de Bilro

Município
Dias D'Ávila

Território
Metropolitano de Salvador

Rota do Artesanato
Rota Baía de Todos os Santos



“Você tem que aproveitar a sua arte para levar o positivo.”



Mestre Biquera
Esculturas

Município
Terra Nova

Território
Portal do Sertão

Rota do Artesanato
Rota do Couro

CARLOS HENRIQUE ANDRADE DOS SANTOS

ARTESANATO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL PARA CRIANÇAS AUTISTAS

Mestre Biquera é um artesão cujo trabalho reflete uma trajetória marcada pela criatividade e capacidade em trabalhar com diferentes insumos e materiais. Sua história começa em Vitória da Conquista, onde ainda criança fazia cavalos de barro branco, uma matéria-prima abundante na região. A brincadeira com o barro tornou-se um primeiro contato com o universo artesanal. Mais tarde, ao mudar-se para Guanambi, conheceu o cipó caboclo e começou a explorar outras técnicas, como a trança de cipós e o uso do couro.

Em 1974, Carlos chegou a Salvador, onde se dedicou à pintura de telas. Durante esse período, incentivado por um amigo, chegou a expor paisagens pintadas por ele no Pelourinho. A descoberta do artesanato com cipó caboclo em Guanambi durante a adolescência e a posterior imersão na pintura em tela em Salvador demonstram a inquietude criativa que sempre o impulsionou. "Minha mãe sempre me incentivava. Vai para Pelourinho, lá no terreiro de Jesus, expõe seus quadros", relembra.

Carlos buscou aprimoramento, experimentando diferentes materiais e combinações. Inovou ao misturar cerâmica com tecidos, couro e palha, criando peças únicas e diferenciadas, como baianas e figuras tradicionais. Porém, os desafios com o peso das peças para o transporte o levaram a desenvolver alternativas mais leves, como o uso de papelão e técnicas de papel machê. Mais tarde, encontrou na cerâmica fria uma solução que equilibrava leveza e durabilidade, possibilitando a criação de peças detalhadas e inovadoras. Ele aprendeu a técnica de extrair óleo de banana para adicionar à massa, que conferia maior leveza e resistência à peça.

Com a técnica aprimorada, Carlos passou a criar peças que representam a cultura baiana, com destaque para as figuras de preto velho, preta velha, Oxalá, Iansã, Oxum e Iemanjá. A paixão pela cultura afro-brasileira transparece em suas criações, que incorporam elementos como o cipó, o couro, a palha e o tecido, conferindo-lhes uma identidade única. A leveza da massa permite que as peças sejam facilmente transportadas, ampliando as possibilidades de comercialização e divulgação do trabalho de Carlos.

Consciente da importância de transmitir seu conhecimento, Carlos tem se dedicado mais recentemente ao ensino da técnica da cerâmica, especialmente para os jovens e pessoas com autismo. Ele enxerga no artesanato uma ferramenta de inclusão social e desenvolvimento pessoal, capaz de proporcionar concentração, foco e autoestima. "Eu botava um barro na mão deles, e eles levavam horas, concentrados", relata Carlos sobre sua experiência com crianças autistas.

A trajetória de vida de Carlos nos convida a refletir sobre o poder transformador da arte. Transformação não apenas evidenciada em sua busca por melhores materiais, insumos e na inovação das suas peças, mas podemos falar de uma transformação também na finalidade do artesanato. Mestre Biquera defende a inclusão de artesãos em escolas, especialmente para o acompanhamento de alunos autistas. Ele acredita que a manipulação de materiais e a criação artística podem auxiliar no desenvolvimento cognitivo e emocional dessas crianças, além de promover a inclusão social e a autoestima. Ao longo da entrevista, ele fez um apelo para que gestores e autoridades observem com atenção esta possibilidade, que aproxima o artesanato do desenvolvimento humano.

MARIA DOS ANJOS SOUZA

O ARTESANATO COMO FIO CONDUTOR DA VIDA

A entrevista com Mestra Maria (74 anos) revela uma trajetória de dedicação ao artesanato e seu papel central em sua vida. Maria compartilha que começou no artesanato há mais de 50 anos, motivada pela curiosidade em uma época em que, segundo ela, apenas pessoas de melhores condições financeiras tinham acesso ao fazer artesanal. Autodidata, Maria aprendeu sozinha observando trabalhos de outras pessoas do seu círculo de amizades e vizinhança, mesmo sem acesso às técnicas formais. Ela relembra com nostalgia uma época em que, segundo ela, havia um maior número de artesão "cada passo que você passava em uma rua era uma jovem com bastidor na mão fazendo artesanato".

Ao longo dos anos, o artesanato foi sua principal fonte de renda e sustento para criar seus filhos. Hoje, mesmo aposentada, Maria continua se dedicando ao ofício, produzindo peças como vestidos e bordados. Contudo, relata dificuldades físicas, como dor ao manusear a agulha, e fala sobre o desafio de transmitir o conhecimento às novas gerações. Maria expressa interesse em ensinar, acreditando que o apoio de diferentes atores institucionais pode ser crucial para motivar outros a se envolverem nessa prática.

Com a Associação das Artesãs de Inhambupe, da qual é presidente, ela busca "conseguir um público jovem" e incentivar o aprendizado, transmitindo seus conhecimentos e técnicas. Maria enxerga na educação a chave para garantir a continuidade do bordado, ensinando não apenas os pontos e técnicas, mas também o processo completo, desde a escolha do tecido até a lavagem e a passagem da peça.

Maria finaliza destacando que o artesanato é "tudo" em sua vida, tanto pelo amor dedicado à prática quanto pela forma como continua sendo um pilar econômico e emocional em sua rotina. A mestra reconhece a riqueza do saber que acumulou e está disposta a compartilhá-lo, caso encontre interesse e incentivo para manter vivo o legado cultural de sua cidade.

A sua visão de futuro para o artesanato local é carregada de esperança. Maria planeja ministrar aulas em comunidades, revitalizar a Associação das Artesãs de Inhambupe e realizar um desfile com peças produzidas por suas alunas, mostrando a beleza e o valor do trabalho manual. "A visão de futuro é que eu vou dar umas aulas. É o que eu quero hoje".



Mestra dos Anjos
Bordado Rendendê, Hardanger,
Renda de dedo, Rendedepe

Município
Inhambupe

Território
Litoral Norte e Agreste Baiano

Rota do Artesanato
Rota da Piaçava



"Eu sei de onde vem o tecido, como pode fazer, como não pode, o que gasta mais e o que gasta menos. Olha, eu sei do Artesanato. Por isso que eu sou até Mestra."

"A arte não nasce pronta, ela acontece".



Mestre Zé Roque
Trançado

Município
Ituberá

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota Boi Bilha

JOSÉ ROQUE AZEVEDO ASSUNÇÃO

MÃOS QUE CRIAM, NATUREZA QUE SUSTENTA: O ARTESANATO EM PIAÇAVA DE ZÉ ROQUE

Zé Roque é um mestre artesão que encontrou na fibra da piaçava uma forma de valorizar suas raízes culturais e transformar sua história pessoal em um exemplo de superação e dedicação ao coletivo. Nascido em uma região onde a piaçava é a principal fonte de sustento, ele iniciou sua jornada no artesanato ainda menino, observando seu pai produzir cestos com cipó. Mesmo sem pensar em ser artesão, ele se interessou pela prática e passou a acompanhá-lo. Zé Roque aprendeu a técnica da cestaria com piaçava com uma senhora chamada Solange, que lhe ensinou os fundamentos da arte. "Ela foi uma tardezinha lá na minha casa, ela levou uma peça começada num no vaso de manteiga. E aí ela começou a fazer e eu fiquei olhando", recorda.

Com o tempo, a necessidade de estudar levou sua família a se mudar para Ituberá. Na cidade, José Roque redescobriu a piaçava e começou a criar peças artesanais nas horas vagas. Seu envolvimento com a fibra foi crescendo, e ele buscou capacitações e oportunidades para compartilhar seu conhecimento com comunidades quilombolas, incluindo a comunidade onde nasceu. Apesar das dificuldades iniciais, José nunca desistiu de transformar a piaçava em algo mais valioso, sempre pensando no bem coletivo. Um marco em sua trajetória foi o convite para coordenar um projeto com seis comunidades quilombolas, onde ele capacitou pessoas em técnicas de produção e qualidade. Foi nesse período que ele retomou contatos com o Artesanato da Bahia e recebeu apoio fundamental para fortalecer o trabalho local. Com o reconhecimento de sua dedicação e habilidade, José foi titulado mestre artesão, mas sua maior satisfação sempre esteve em ver a coletividade prosperar.

Ao longo dos anos, José desenvolveu peças decorativas utilizando a piaçava em sua forma mais natural. Entre os produtos que ele cria estão vasos, cestos, mandalas e outros itens que combinam criatividade e técnicas como a aplicação de pátina. Ele também busca aproveitar integralmente a palmeira da piaçava, utilizando a fibra, o coco, a tala e a folha para criar peças sustentáveis e culturalmente significativas.

Consciente da importância da sustentabilidade, Zé Roque destaca o caráter ecológico do seu trabalho. A piaçava, por ser nativa da Mata Atlântica, não necessita de desmatamento para ser cultivada. "A gente precisa preservar a piaçava, né? E quando a gente tira tudo isso dessa piaçava e coloca numa peça e o pé tá lá intacto de novo... isso aí é gratificante", ressalta, demonstrando sua preocupação com o meio ambiente.

Além de sua habilidade como artesão, José Roque também se destacou como líder comunitário. Ele acredita firmemente no poder da educação e da troca de conhecimentos como instrumentos para transformar realidades. Por isso, sempre que possível, organiza oficinas e rodas de conversa com jovens e adultos interessados em aprender as técnicas do artesanato: "Não é só sobre fazer arte; é sobre criar futuro".

Recentemente, José tem se dedicado a novos projetos que visam preservar e renovar as tradições do artesanato. Dentre estas iniciativas, destaca-se um programa para ensinar crianças de escolas públicas a valorizarem os recursos naturais e a cultura local por meio da arte. Para ele, garantir que as novas gerações conheçam e respeitem a história de sua região é tão importante quanto produzir peças de qualidade. Seu trabalho, enraizado na tradição, mas aberto à inovação, nos convida a repensar nossa relação com a natureza e a valorizar o saber ancestral das comunidades quilombolas.

MARCIO DE MOURA NOGUEIRA

PESQUISA, ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DA CERÂMICA COMO ELEMENTOS DO PROCESSO CRIATIVO

A trajetória de Marcio Moura Nogueira no universo da cerâmica é marcada por uma busca constante pela essência da arte, transitando entre a tradição ancestral e a inovação contemporânea. Sua fala, permeada por paixão e conhecimento, revela a profunda conexão com o barro, com as comunidades ceramistas e com a história da cerâmica brasileira.

Marcio iniciou sua jornada na cerâmica aos 20 anos, em São Paulo, impulsionado pela curiosidade e pelo desejo de aprender. "Fiz alguns cursos e depois iniciei como professor", recorda. A partir daí, trilhou um caminho dedicado ao ensino, disseminando a arte da cerâmica e buscando levar o conhecimento a comunidades com acesso limitado a oportunidades.

Atraído pela riqueza cultural e pela tradição ceramista da Bahia, Marcio mudou-se para o estado em 2007, em busca do "artesanato de raiz". "Na Bahia eu encontrei tudo isso que eu queria que eu precisava", afirma. Lá, mergulhou no universo das comunidades ceramistas, aprendendo com os mestres tradicionais, trocando saberes e absorvendo a cultura local.

A experiência na Bahia foi fundamental para moldar sua visão sobre o artesanato. Marcio defende a preservação da essência do trabalho tradicional, sem interferências que desvirtuem a identidade cultural. "Se eu interferisse muito na cultura deles, eu não ia perceber nada, né do que eles teriam para passar", explica.

Sua preocupação com a sustentabilidade das comunidades ceramistas é evidente em sua fala. Ele aponta a falta de apoio e a desvalorização do artesanato tradicional como fatores que contribuem para a descontinuidade da prática. "A dificuldade do artesanato brasileiro é a frequência que eles não têm de apoio para vender as peças, para ter uma estrutura um pouco melhor", observa. Márcio conjuga uma visão de quem produz com a de quem pesquisa artesanato, aproximando teoria e prática a partir de um ciclo de vivências que pôde construir ao longo dos anos.

Marcio destaca a importância da pesquisa e do estudo da história da cerâmica como base para o desenvolvimento de seu próprio trabalho. Ele se aprofundou na arqueologia, buscando inspiração na cerâmica pré-histórica e indígena. "Eu me concentrei mais na arqueologia e transferi tudo que eu pude, a nível de técnica, nível de textura, para o meu trabalho", compartilha. A rusticidade é uma característica marcante de suas peças, resultado de uma escolha consciente. "Mesmo com trabalho que venha a ter uma qualidade, assim, de esmalte, já é um produto mais contemporâneo, eu tento trazer essa dimensão artesanal", explica.

Atualmente, Marcio se encontra em um processo de revisão e experimentação, buscando definir a direção que deseja seguir em seu trabalho. Inspirado pela cerâmica manual do México, ele cogita a possibilidade de abandonar o torno e dedicar-se exclusivamente à modelagem manual.

Para Marcio, o artesanato é muito mais do que a produção de objetos. É um processo de aprendizagem contínuo, que exige paciência, tolerância e humildade. "A cerâmica te mostra isso, sempre, que você tem que aprender mais, você tem que ser humilde, né? E está começando tudo de novo, cada dia você começa um tudo de novo".

Além do trabalho artístico, Márcio dedicou-se a experiências comunitárias marcantes, como a construção de casas de pau a pique e a pesquisa sobre a produção de painéis de barro. Ele acredita que o artesanato é um reflexo das dinâmicas sociais e culturais das comunidades.



"Quando você pensa que você sabe tudo, a cerâmica te mostra que ainda falta algo".



Mestre Márcio
Modelagem / Escultura

Município
Mata de São João

Território
Metropolitano de Salvador

Rota do Artesanato
Rota Baía de Todos os Santos



*“É uma emoção
muito grande criar
os dois juntos,
porque essas peças
não são paradas,
elas estão em forma
de dança, o orixá e
o santo católico.”*



Mestre Gerard
Escultura (Imagens Sacras)

Município
Barra

Território
Velho Chico

Rota do Artesanato
Rota da Cerâmica

JOSÉ GERALDO MACHADO DA SILVA

A INSPIRAÇÃO DIVINA DE GERARD: A ARTE QUE BROTOU DE UM SONHO

Gerard é um artesão que produz peças em barro, principalmente imagens de santos católicos e orixás. O diferencial de seu trabalho é a criação de peças que representam o sincretismo religioso, com um lado da peça representando a figura católica e no outro lado a divindade correspondente no Candomblé, ou seja, Nossa Senhora da Conceição está em uma mesma peça com Iemanjá, São Jorge com Oxóssi e Santa Bárbara com Iansã.

Desde criança, Gerard demonstrava um talento único inspirado pela espiritualidade. Sua história começa na pequena fazenda Boqueirão, no interior da Bahia, onde aos 11 anos teve um sonho que mudaria sua vida. “Eu sonhei que estava entrando na Gruta do Bom Jesus da Lapa, um lugar que nunca havia visitado. No sonho, a gruta parecia intocada, com folhas espalhadas. Lá dentro, vi o Bom Jesus. Ele me falou para nunca virar as costas para ele, e ao sair, vi que suas mãos se moviam como se estivesse me abençoando”. Ao acordar, Gerard sabia que precisava materializar aquela visão. Com uma faca de cozinha e um pedaço de madeira de imburana, ele esculpiu sua primeira peça: a imagem do Bom Jesus.

Ainda criança, ele se aventurava no artesanato em segredo, longe dos olhos da família e escondido no mato, experimentava materiais naturais para criar tintas e pincéis improvisados. Com pedras da serra, obtinha pigmentos brancos e amarelos; folhas davam o tom verde e a casca de uma árvore o vermelho. Para pintar cabelos, ele usava carvão triturado. Criou os seus próprios pincéis com algodão preso a gravetos. “Tudo vinha à minha cabeça como se fosse uma força espiritual me guiando. Eu nunca tinha visto imagens de santos, mas bastava alguém mencionar um nome, e eu já sabia como criar a peça.”

Com o tempo, Gerard não só aprimorou sua técnica como também diversificou seu repertório e passou a criar as peças que mesclam a iconografia católica com os orixás do Candomblé, uma manifestação artística que representa o sincretismo religioso do povo baiano. “Foi uma forma de mostrar que os dois podem caminhar juntos, cada um com sua beleza e significado. É emocionante criar essas peças. Elas não são estáticas; estão sempre em movimento, como se dançassem.”

Dentre todas as suas obras, Gerard nutre um carinho especial por Nossa Senhora da Conceição. A devoção, passada de geração em geração por sua família, torna cada criação um ato de fé e amor. “Quando estou esculpindo o manto, os detalhes, sinto uma emoção enorme. É como se cada pincelada fosse um diálogo com a minha ancestralidade.”

Hoje, Gerard vive em Barra e continua criando obras únicas, sem repetir peças. Suas esculturas variam de 20 centímetros a mais de um metro de altura. As maiores permitem explorar melhor os detalhes, como os mantos e os movimentos dos santos e orixás.

A influência indígena é marcante no trabalho de Gerard, sobretudo pela utilização de técnicas e materiais tradicionais, como as pinturas naturais do próprio barro e o pincel usados que são as talinhas feitas de madeira”. O artesão destaca que seu trabalho é diferente dos demais, buscando preservar a originalidade de tudo aquilo do passado” e utilizando “todo o processo da modelagem manual: “Cada peça tem vida, tem história. É isso que me move: transformar inspiração em arte, emoção em beleza.”

JIOVALDO CHAVES DE ARAÚJO

ESTÉTICAS DO BARRO: A BUSCA DE MESTRE JOTACÊ POR FORMAS E SIGNIFICADOS

Mestre Jotacê, nascido em Senhor do Bonfim, Bahia, teve seu primeiro contato com o barro ainda na infância, onde foi inspirado por uma vizinha que criava delicadas figuras artesanais. Observando e brincando com os materiais, ele começou a desenvolver suas próprias criações. Na vida adulta, expandiu seus horizontes ao frequentar cursos livres na Escola de Belas-Artes de Salvador, onde teve a oportunidade de interagir com outros artistas, como Emanuel Araújo, e de se inserir em um circuito artístico mais amplo. Essas experiências contribuíram para a evolução do seu trabalho, que, apesar das influências externas, manteve uma identidade singular e um estilo próprio, caracterizado pela criatividade, delicadeza e busca por formas diferenciadas.

Em 1985, ao se mudar para Lençóis, na Chapada Diamantina, a cerâmica tornou-se sua principal forma de expressão artística. Em sua nova casa, o artesão encontrou um ambiente fértil para criar e transmitir seu conhecimento aos filhos, que hoje seguem os passos do pai, mas com estilos próprios. Ele se orgulha de ver como o legado familiar se reflete em cada obra, sempre mantendo uma conexão com suas raízes e tradições.

Entre suas criações mais conhecidas estão araras, tucanos, papagaios e outros pássaros, reais ou imaginários, moldados no barro e decorados com detalhes ricos e precisos. Diferentemente de muitos artesãos populares, o desenho desempenha um papel central no processo criativo da família. Essas formas abstratas recebem ornamentações intrincadas, muitas vezes inspiradas em padrões de repetição e simetria. Outro destaque do trabalho de Mestre Jotacê são as “Madonas”, figuras femininas repletas de simbolismo místico ou religioso, representadas em posturas de oração ou com gestos de graça.

Embora tenha experimentado diferentes materiais ao longo de sua vida, como madeira e pedras, a cerâmica se tornou a grande paixão de Jotacê. A maleabilidade do barro e as infinitas possibilidades de criação que ele oferece cativam o mestre, que se dedica a moldar peças únicas e repletas de significado.

Mestre Jotacê reflete sobre a importância de manter viva a tradição do artesanato, mesmo diante das mudanças de mercado e das novas gerações. A visão de Jotacê para o futuro do artesanato é marcada por otimismo e realismo. Ele reconhece que o mercado oscila, com períodos de alta e baixa, mas mantém a certeza de que a arte sempre terá o seu espaço.



Mestre Gerard
Escultura (Imagens Sacras)

Município
Barra

Território
Velho Chico

Rota do Artesanato
Rota da Cerâmica



"No início comecei a brincar, olhando, e aí comecei a fazer os meus. Parece que o negócio saiu, né? Fui conseguindo e estou até os dias de hoje."



*"Eu fui uma
guerreira em
minha vida"*

GISELIA ENÓI DE SOUZA

PINCELADAS DELICADAS DESENHANDO UMA VIDA DE SUPERAÇÃO

A mestra Enói é uma artesã que se dedica à pintura em cerâmica, com foco em peças utilitárias como painéis, bacias, buleiros e fogareiros. "As pequenas peças eu ainda pego para pintar, mas as grandes eu não posso mais". Ela descreve seu estilo como sendo marcado por traços finos, pintando com a ponta do pincel e de forma delicada. Seus desenhos preferidos são flores e palmas.

Mestra Enói aprendeu este ofício a partir da necessidade que a vida lhe apresentou desde cedo: "Perdi meu pai pequena e quando eu cresci um pouquinho aos 9 anos eu já ajudava a minha mãe", relembra a artesã, emocionada. Na fase adulta, além do trabalho na olaria, ela recorda que foi também merendeira escolar, sempre buscando sustentar a família. "Eu trabalhei nas Olarias, cuidava de filho, de sete filhos que eu tive, cuidava das coisas de casa e era merendeira da escola, fazia um bocadinho de coisa".

As memórias da artesã trazem com saudade recordações sobre a Feira dos Caxixis. Enói descreve a feira como um evento grandioso e movimentado, com a presença de "muita gente que vinha de tudo quanto é lugar, com muitas coisas, tudo muito colorido". A artesã vendia suas peças na Feira, das quais menciona com destaque os arranjos de bola de gude e as painéis com cachos de uva. Ela lamenta não poder mais participar, mas se alegra que sua filha, Eliane, continue a frequentar feiras de artesanato levando adiante a tradição familiar.

Sobre o processo de produção, Enói menciona dois tipos de pintura em cerâmica: a pintura com tabatinga e a pintura engobe. Ela explica que a tabatinga seca mais lentamente que a tinta industrial: "é uma goma que a gente tira do barro. Fica passando de um caco para outra de uma vasilha para outra para poder aquela goma sentar". Assim dá para a gente pegar para pintar".

A artesã reconhece a importância do aprendizado e da transmissão do conhecimento, mas admite que se considera uma pessoa muito tímida, o que a impediu de ministrar cursos e participar de associações ou outros grupos. No entanto, ela sempre se dispôs a ensinar pessoas próximas, como familiares e vizinhos. "Eu ensino a qualquer pessoa lá em casa, agora, agora gente de fora eu fico com vergonha", confessa.

Enói recebeu o título de Mestre Artesã, um reconhecimento que a fez se sentir recompensada pela sua trajetória. "eu fiquei tão feliz na minha vida, tão feliz que eu nunca recebi um título nunca, foi o primeiro que eu recebi na minha vida, parecia que eu tinha ganhado o mundo". Para ela, ser uma boa artesã é saber fazer de tudo um pouco: "Uma boa artesã tem que saber de tudo, fazer um pouquinho de tudo."



Mestra Giselia Enói
Pintura tabatinga/tinta engobe

Município
Município de Aratuípe
(Maragogipinho)

Território
Baixo Sul

Rota do Artesanato
Rota do Boi Bilha

MARIA DA HORA SILVA

LONGEVIDADE QUE SE TORNA POSSÍVEL ATRAVÉS DA ARTE

Mestra Dadá é uma artesã de 93 anos que reside em Maragogipinho e trabalha com artesanato desde os 8 anos de idade. É a mestra de mais idade em Maragogipinho em atividade. Sua jornada começou auxiliando sua irmã na pintura de peças de cerâmica, "ganhando um dinheirinho que era bom, né para ajudar a mamãe comprar as coisas para mim". Desde então, nunca parou de trabalhar com suas mãos, criando peças que colorem a vida das pessoas. Atualmente, Dadá se dedica ao artesanato manual, produzindo uma variedade de peças, como flores, terços e toalhas de mesa.

A artesã conta que aprendeu o ofício ainda criança, incentivada pela família que já trabalhava com cerâmica. "Minha mãe me botou para ajudar ela a trabalhar, ela pintava loucinha miúdas" Dadá pintava peças de diversos tamanhos, desde louças pequenas até grandes porcos de cerâmica, utilizando a tabatinga. Com o passar dos anos, diversificou sua produção, incorporando a pintura em tecido e a criação de colares e terços.

Maragogipinho é o lugar onde Dadá construiu sua vida, constituiu família e se dedicou ao artesanato. É nesse território que ela encontra inspiração para suas criações, utilizando elementos da natureza em suas pinturas. "Na pintura nós não pegamos desenho. Tudo sai da cabeça. Quando a gente está pintando, aí é que faz um ramo, faz uma flor na cabeça e já vem outra ideia para fazer outra" Dadá acredita no potencial do artesanato local e se mostra otimista em relação ao futuro, "Eu acredito que daqui a 10 anos mais ou menos estará bem melhor o artesanato aqui porque o povo tá se dedicando um pouquinho mais". Quando questionada sobre qual flor mais gosta de desenhar, ela responde com um sorriso: "Dália, porque eu gosto, acho muito bonita". Para Dadá, para ser uma boa artesã é necessário ter muita dedicação, paciência e sobretudo concentração. "Quando eu tô sentada trabalhando, quero ter atenção no trabalho, né? E uma pessoa conversando do lado me tira do pensamento".

Um momento marcante na trajetória de Dadá foi o reconhecimento como Mestra em cerimônia que contou a presença do Governador do Estado da Bahia, "Dentro de tanto tempo eu nunca tive essa homenagem. E vim ter agora com 93 anos de idade". Ela descreve o dia da homenagem como um dia maravilhoso, tendo inclusive presenteado o governador com um terço feito por ela. Esse reconhecimento público reforça a importância do seu trabalho e do legado que ela construiu ao longo de décadas dedicadas ao artesanato.

Dadá nos ensina que a arte transcende o tempo, colorindo a vida com beleza e significado.





"Eu acredito que daqui a 10 anos mais ou menos estará bem melhor o artesanato aqui, porque o povo tá se dedicando um pouquinho mais."



artesanato da **BAHIA**

Realização:



**Fábrica
Cultural**

GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DO TRABALHO,
EMPREGO, RENDA E ESPORTE

GOVERNO
PRESENTE
**TRABALHA
PRA GENTE**